

## ENTRE AUSÊNCIAS, POSSIBILIDADES E DEMANDAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

*Eixo Temático 19 - Gênero e Sexualidade na Escola: Novas Ameaças, Enfrentamentos e Possibilidades de Resistências*

Ramon Roberto de Jesus Barroso <sup>1</sup>  
Lucélia de Moraes Braga Bassalo <sup>2</sup>

### RESUMO

Essa proposta apresenta os resultados parciais de uma pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado) da Universidade do Estado do Pará, tem por objetivo delinear como a temática de gênero e sexualidade se apresenta no ambiente de atuação de docentes iniciantes que atuam em escolas de Salvaterra – Ilha do Marajó-PA. Os dados foram reunidos por meio de entrevistas narrativas com seis docentes iniciantes (três professores e três professoras) e analisados por meio do Método Documentário. concluiu-se que há ausência de iniciativas concretas voltadas para a garantia de acesso a conteúdo de base científica sobre os assuntos que cercam o gênero e a sexualidade e que estão presentes nas escolas, além disso, as narrativas indicam que o cenário não tem sido favorável para tratar desses assuntos nas práticas pedagógicas, pois tem prevalecido discursos conservadores que buscam cercear tais discussões no campo educacional.

**Palavras-chave:** prática pedagógica; gênero, sexualidade, espaço escolar.

### INTRODUÇÃO

Para Miskolci (2005) o espaço escolar e as práticas pedagógicas por muito tempo foram concebidos como *sexualmente neutros*, problematizando que se esperava que os/as docentes não discutissem assuntos relacionados a esses assuntos em suas aulas, visto que deveria ser um assunto privado, ao menos restrito ao lado de fora da escola, nesse caso, não se admitia interferências, cabendo às questões de gênero e da sexualidade, o lugar do silêncio.

Dessa feita, mesmo com os avanços nesses campos, pode-se observar que o silêncio ainda prevalece em muitas instituições escolares quanto se trata das questões de gênero e da sexualidade, tal como constatado por Furlan e Muller (2013) em estudo sobre a prática docente, quando evidencia que tratar desses temas nas práticas pedagógicas pode ser algo problemático, sobretudo quanto se refere aos familiares dos/das estudantes, destacando-se “o fato de que

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação-PPGED, Universidade do Estado do Pará - UEPA, [robertoramon787@gmail.com](mailto:robertoramon787@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação- PPGED/UEPA, [luclia.bassalo@uepa.br](mailto:luclia.bassalo@uepa.br).

muitos/as responsáveis pelas crianças poderiam até mesmo procurar a mídia, agindo como se esse tema fosse inteiramente proibido, principalmente na escola” (FURLAN; MULLER, 2013, p. 159).

No contextual atual, Maio, Oliveira e Peixoto (2020) salientam que discutir e estudar sobre as temáticas de gênero, sexualidades e diversidades no espaço escolar é uma tarefa difícil, devido ao avanço do conservadorismo nos últimos anos que dissemina ideologias religiosas e propaga discursos em favor da família nuclear, da heterossexualidade e da abstinência sexual, o que dificulta tais discussões.

Nesse sentido, refletindo sobre os desafios e as possibilidades de práticas pedagógicas frente as temáticas de gênero e de sexualidade nos espaços escolares, o presente texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de Mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), sobre as práticas pedagógicas de professores/professoras iniciantes que atuam em escolas do Município de Salvaterra-Ilha do Marajó, Estado do Pará, referente às temáticas de gênero e da sexualidade, de modo que nosso objetivo central nesse trabalho é delinear como a temática de gênero e sexualidade se apresenta no ambiente de atuação desses/dessas docentes.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com enfoque da fenomenologia social. Os dados foram reunidos por meio de entrevistas narrativas com seis docentes iniciantes (três professores e três professoras) e analisados à luz do Método Documentário, conforme descreve-se a seguir:

## **METODOLOGIA**

Esse estudo se desenvolveu a partir da abordagem qualitativa da pesquisa e adotou como enfoque a fenomenologia social, pois esse enfoque se apresenta como importante no âmbito das investigações qualitativas ao destacar que ele parte de uma perspectiva interpretativa sobre sentidos e significados estabelecidos nas relações entre diversos sujeitos (BASSALO et al, 2019).

Como meio para reunião de dados optou-se pela entrevista narrativa. Essa técnica “permite o acesso aos diferentes níveis da formação da experiência no cotidiano” (BOHNSACK, 2020, p. 117). Ao optar pela entrevista narrativa busquei “romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas” (WELLER; OTTE, 2014, p. 327). Desse modo, a entrevista narrativa possibilitou que os/as

docentes iniciantes retomassem suas experiências profissionais nas escolas em que atuam, de modo que me possibilitou interpretar e compreender tais ações.

As narrativas dos/das docentes foram analisadas à luz do Método Documentário cujo o objetivo de “reconstruir o sentido subjacente e implícito na fala do entrevistado” (WELLER; OTTE, 2014, p. 328), perpassou pelas seguintes etapas do método: *interpretação formulada* composta pela organização temática, transcrição da entrevista, seleção das passagens a serem analisadas (metáforas de foco) e análise do sentido imanente; *interpretação refletida* que consiste na reconstrução dos modelos de orientação coletiva que orientam as falas dos/das informantes (WELLER, 2005).

Constituíram o corpus da pesquisa, seis docentes iniciantes, ressaltando que a fase iniciante compreende aos cinco primeiros anos de atuação profissional (VEENMAN, 1988), etapa que corresponde ao período de transição de estudante para professor/professora, que é marcado por tensões e aprendizagens intensivas (MARCELO GARCIA, 1999).

Esses/essas docentes são tratados no texto atendendo a prerrogativa de decodificação do Método Documentário que oportuniza a não identificação e preservação de suas identidades. Dessa maneira, atendendo os aspectos éticos de realização da pesquisa e de aplicação do Método Documentário os professores são designados por Am, Dm e Em e as professoras são nomeadas por Bf, Cf e Ff.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora as questões de gênero e de sexualidade permeiam o ambiente escolar, muitas vezes há entraves para que esses temas sejam discutidos nas escolas. Considerando a realidade de Salvaterra, refletimos “se as escolas em que os/as docentes iniciantes atuam, permite o debate sobre questões de gênero e de sexualidade”. A partir da análise de suas narrativas, delinearão-se duas posições. A primeira posição se refere “os/as docentes que desconhecem as orientações sobre o tema”, representada por Am, Bf, Cf e Em:

*Am: (...) nem tive ainda oportunidade de ver qual seria a recepção do corpo docente do das escolas em que eu estou trabalhando, mas eu acredito que se- dependendo de como for as pessoas que trabalham na escola (.) se elas tiverem uma perspectiva muito religiosa muito conservadora muito fechada que não se permite ao diálogo com diferente talvez haja uma certa resistência, mas do que eu pude conhecer até agora eu acredito que vai ser tranquilo (.) eu conheci pessoas que estão dispostos a trabalhar pessoas que (.) acreditam na educação até mesmo num sentido bastante transformador no sentido bastante essencial para nossa sociedade então eu acho que não vai haver resistência (.) mas ainda não tive experiência.*

O trecho “nem tive ainda oportunidade de ver qual seria a recepção do corpo docente das escolas em que eu estou trabalhando” e “ainda não tive experiência” revelam que o professor iniciou suas atividades em meio a pandemia de Covid-19, período caracterizado pelo trabalho remoto que atravessou a dinâmica de reconhecimento dos pares com quem atua. Além disso, Am reconhece que o contexto atual, marcado por uma ascensão ou visibilização das nuances do conservadorismo nas crenças religiosas, atravessam a escola e dificultam os diálogos e abordagens sobre esses temas. O professor finaliza supondo que pelo que se pode conhecer desses profissionais atuantes nessas escolas há comprometimento com uma educação transformadora, algo essencial para nossa sociedade.

Ainda na primeira posição, encontra-se o relato de Em:

*É:: essa pergunta é um pouco difícil de responder (1) porque:: a maioria das escolas em que eu atuo são escolas que fazem parte da zona rural né são escolas do campo onde são temas ainda que podem ser tratados como tabu em comunidades muito conservadoras (1) né então eu não sei como te responder é com 100% de certeza essa pergunta.*

O professor atua em escolas longe dos grandes centros onde esses temas são considerados, como ele mesmo define “tabu”, devido às mentalidades conservadoras presentes nas comunidades. Nessa perspectiva, em muitas localidades esse “tabu” transcorre bem antes da ascensão dos discursos conversadores, onde é concebido o pensamento de que a escola não pode tratar de questões referentes ao gênero e a sexualidade, sendo assunto restrito à família. Desta feita, a fala do docente retrata uma realidade que perdura para além das escolas do campo, visto que as entraves quanto a esses debates acontecem também em escolas da cidade, devido ao conservadorismo presente na comunidade escolar tanto do campo como da cidade

A Segunda posição é representada na fala de Dm que indica “o docente que não propôs o tema nas escolas”:

*Bem é:: em alguns lugares que trabalhei (.) eu nunca na verdade eu nunca propus esse debate mas (.) imagino que:: é um debate complicado principalmente devido (.) à presença de professores que tem relação com religiões que pregam o conservadorismo e que (.) e que não toleram outras verdades que não sejam a sua verdade né:: as suas=as suas regras os seus dogmas alguns professores líderes dessas religiões então (.) que=que tinham um discurso muito secretário né em relação (4) a em relação a Sexualidade muito opressão em relação a Sexualidade em relação às vezes até é:: os adolescente que estão entrando na puberdade e=e=e estão começando a se paquerar se namorar e tal (.) então eu acho muito complicado ma::s agora na prefeitura de Salvaterra lá no Jubim eu não sei como é que, no Jubim em Joanes que eu tô dando aula, não sei como é que=que ia se dar, mas na minha experiência dentro da escola eu percebo que o entrave e ele é muito ele=ele=ele recai muito dentro dos discurso religioso e que e os tabus os dogmas mas principalmente das religiões judaico-cristãs eles na- não deixam (.) a gente avançar nesse debate mas eu nunca cheguei a propor isso não.*

Os trechos “em alguns lugares que trabalhei (.) eu nunca na verdade eu nunca propus esse debate” e “eu nunca cheguei a propor isso não” revelam que o professor não chegou a propor o tema nas escolas em que atua e, por isso, não sabe como seria a recepção da comunidade escolar. Na percepção de Dm as discussões sobre as temáticas de gênero e da sexualidade podem ser complicadas devido “à presença de professores que têm relação com religiões que pregam o conservadorismo” dentro das instituições de ensino, pois suas experiências escolares, lhe levaram a perceber que essas dificuldades acontecem devido os discursos religiosos, principalmente das religiões judaico-cristãs que são fortemente propagados nas escolas e que não permitem que esses debates avancem.

A terceira posição é representada pela fala de Ff, que diferente das demais posições revela que “a escola permite esses debates”:

*Sim permitem e até nas reuniões pelo menos na reunião em uma dessas escolas por exemplo da escola quilombola (.) é:: nós já estamos também trabalhando a temática sobre a violência sexual na infância de tanto que a gente tem essa necessidade de trabalhar (.) esses temas com os jovens lá com os adolescentes né por inúmeros fatores né por questões de gravidez na adolescência na escola pra que:: justamente seja quebrado é esse ciclo de pensamento preconceituoso comportamento preconceituoso com o outro e aí a gente trabalha bastante isso né de liberdade para que eles comecem não só a respeitar como também é: (.) perceber ou ter a oportunidade de que eles também podem ser mais livres com relação aos seus corpos (...) Mas isso ainda é recente. Devido ao tempo curto em 2021, isso ainda não foi trabalhado de forma mais ampla.*

A professora relata que em uma das escolas em que atua, referindo-se à uma escola quilombola, os/as professores/professoras trabalharam a temática “violência sexual na infância”, devido à necessidade apresentada pelos/pelas jovens e adolescentes nos aspectos relacionados a gravidez na adolescência, como forma de enfrentamento ao preconceito e até mesmo para compreensão da liberdade sobre seus corpos. No entanto, Ff também pontua que as discussões nessa escola, ainda são recentes e precisam ser trabalhadas de forma mais ampla nas práticas pedagógicas. Sua narrativa destaca que a compreensão por parte da comunidade escolar sobre as temáticas de gênero e de sexualidade é necessária para o desenvolvimento das práticas nesse intuito.

Tal posição está alinhada com a percepção de que o incentivo a ações desta natureza, envolvendo a diversidade sexual assim como o gênero, são importantes nas unidades escolares e tem como intenção “contribuir para a diminuição das desigualdades e discriminações sociais, sobretudo às relacionadas às mulheres e pessoas LGBTQIA” (MAIO; OLIVEIRA; PEIXOTO, 2020, p. 63).

Em continuidade, refletimos “se as escolas onde esses/essas docentes atuam possuíam

iniciativas para debater as questões de gênero e da sexualidade”. A partir das análises das narrativas, delinearão-se duas posições. A primeira posição que se refere ao “*desconhecimento de iniciativas sobre o tema*” é representada nas falas de Am, Cf, Dm:

*Am: Quando eu estava trabalhando como contratado no estado eu cheguei a propor o tema da diversidade de gênero da diversidade sexual como:: uma proposta para um projeto que nós iríamos colocar para os alunos no outro semestre só que acabou que eu tive que sair da escola não vi isso ser concretizado agora em relação a atuação que estou tendo hoje em dia eu sou conta- eu sou concursado no município de Salvaterra porém eu assumi no período da pandemia e nesse período as aulas não estão sendo presenciais elas estão sendo remotas e ela funciona da seguinte forma nós preparamos um trabalho e:: esse trabalho apresentado pros=pros estudantes eles depois fazem e nos entregam e nós atribuímos umas notas a eles tá e: em relação a isso eu não pude ver os projetos que existem na escola eu não pude ainda ter acesso as (.) tentativas de implementar ou não esses debates em sala de aula então eu não sei se pode haver resistência por parte de pessoas dentro dessas duas escola nas quais eu estou trabalhando (...).*

Am lembrou que “no estado eu cheguei a propor o tema da diversidade de gênero da diversidade sexual como:: uma proposta para um projeto”, referindo-se ao período em que atuou como professor da rede estadual de ensino, quando propôs a temática da diversidade sexual como projeto de ensino, indicando que não houve concretização dessa proposta após sua saída. O trecho “eu assumi no período da pandemia” demonstra que o professor iniciou sua atuação nas escolas de Salvaterra durante a vigência do ensino remoto emergencial, e por esse fato, ainda não pode verificar os projetos que existem nas escolas em que trabalha, nem pôr em prática tentativas de debater essas questões. Devido aos fatos, o docente não tem certeza quanto a recepção desses temas nas escolas em que atua. Verifica-se nessa fala que muitos/muitas professores/professoras desconhecem iniciativas voltadas para o campo de gênero e da sexualidade nas escolas onde atuam e que dependendo da comunidade escolar, pode haver resistência quando há posições dessa natureza.

Em perspectiva contrária, a segunda posição indica que “*a escola não possui iniciativas para esses temas*”, e se apresenta nas narrativas de dois docentes. Ff relata que:

*(...) Ainda não tem assim algo que nós já colocamos em prática em termos de corpo né escolar isso foi uma iniciativa muito particular de cada professor que eu vi que alguns colegas meus né (.) uma da escola quilombola é uma professora ela é de ciências e o outro é da escola de Condeixa que é o professor de ciências eles trabalharam Eu também trabalhei eu não sei se ele chegar a trabalhar a questão da sexualidade: em si mas eu acredito que sim pelo pouco que nós dialogamos eu não sei das outras disciplinas em uma das escolas nós já tivemos um debate sobre isso para que a gente possa justamente colocar em prática algo mais específico mais amplo esse ano e na outra não na outra não houve essa=esses debates esse planejamento nós vamos tentar colocar isso quando iniciar próximo de iniciarem as aulas ali naquela semana de planejamento escolar que é em fevereiro.*

Em sua narrativa, a professora indica que não há um projeto institucional, entretanto, mostra que há algumas ações, mas se trata sempre de “uma iniciativa muito particular de cada professor”, referindo-se ao fato de que as escolas onde trabalha não possuem uma disposição para trabalhar às temáticas de gênero e da sexualidade. Ela enfatiza que dois colegas professores de ciências vêm desenvolvendo essas temáticas, assim como ela.

A fala de Ff faz um paralelo entre as realidades de duas escolas, visto que ela trabalha em uma escola, onde ainda não houve um debate voltado para inserção desses temas em sala de aula, e uma outra escola, onde a temática vem sendo discutida, mas ainda não se concretizou. O trecho “nós vamos tentar colocar isso quando iniciar” indica que há um empenho dos/das professores/professoras para inserir tais temas nas propostas educativas de uma das escolas citadas, por meio das discussões na semana pedagógica e provavelmente ela conta com o retorno às aulas presenciais.

Essa narrativa indica que nas escolas há um debate desencadeado pelos/pelas docentes, mas que essas instituições ainda carecem de uma iniciativa concreta voltado para essas questões, por exemplo, um projeto de ensino com foco nos campos de gênero e da sexualidade. Essa situação também foi identificada por Moura, Cavalcanti e Moura (2021, p. 286) que afirmam que “as discussões sobre gênero e sexualidade surgem apenas por iniciativa de algum professor, quando este resolve trazer um debate específico para as aulas”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Delineou-se três posições que retratam se as escolas permitem o debate sobre questões de gênero e de sexualidade. A primeira posição se refere “os/as docentes que desconhecem as orientações sobre o tema”, esses/essas professores/professoras enfatizam de maneiras distintas as incertezas quanto a realização de atividades acerca do gênero e sexualidade nas escolas onde atuam. A segunda posição indica “o docente que não propôs o tema nas escolas”, e a terceira posição revela que “a escola permite esses debates”, nesse item, o relato de Ff pontua que as discussões sobre questões de gênero e da sexualidade nas escolas em que atua, são recentes, reconhecendo que assuntos relacionados ao tema de gênero e sexualidade precisam ser trabalhados de forma mais ampla nas práticas pedagógicas.

Sobre iniciativas para o debate das questões de gênero e da sexualidade nas escolas, delinearam-se duas posições. A primeira posição se refere ao “desconhecimento de iniciativas sobre o tema”. A segunda posição indica que “a escola não possui iniciativas para esses temas”,

indicando que nas escolas há debates sobre os temas em evidência, porém desencadeado pelos/pelas docentes.

Diante dos relatos, conclui-se que há ausência de uma ação ampla, uma política educacional ou da instituição escolar que se transmutem em iniciativas concretas voltadas para a garantia de acesso a conteúdo de base científica sobre os assuntos que cercam o gênero e a sexualidade e estão presentes nas escolas, bem como, indicam que o cenário não tem sido favorável para tratar desses assuntos nas práticas pedagógicas, pois tem prevalecido os discursos conservadores que buscam cercear tais discussões no campo educacional.

## REFERÊNCIAS

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga *et al.* A fenomenologia social e a investigação qualitativa em educação: reflexões iniciais. In: PIMENTEL, A.; MALCHER, N. **Diálogos interdisciplinares em saúde**. Universidade Federal do Pará: Belém, 2019.

FURLAN, Cássia Cristina; MÜLLER, Verônica Regina. Gênero, sexualidade e docência: (re) pensando práticas. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 46, n. 32, p. 155-178, maio/ago. 2013.

MAIO, Eliane Rose; OLIVEIRA, Márcio de; PEIXOTO, Reginaldo. Discussão sobre gênero nas escolas: ações e resistências. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 28, p. 57-74, jan./abr. 2020.

MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

MISKOLCI, Richard. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V. R. (orgs.). **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. Campinas: Papirus, 2005. p. 13-25.

MOURA, Camila Batista Gama; CAVALCANTI, Tássia de Souza; MOURA, Diego Luz. Gênero e sexualidade na formação inicial em Pedagogia. **E-Mosaicos**, UERJ, v. 10, n. 23, jan./abr., 2021.

VEENMAN, S. El proceso de llegar a ser profesor: un análisis de la formación inicial. In: VILLA, A. (Coord.). **Perspectivas y problemas de La función docente**. Madrid. Espanha: Narcea, 1988. p. 39-68.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**. Porto Alegre, a. 7, n. 13, Pp. 230-300, jan/jun. 2005.



WELLER, Wivian; OTTE, Janete. Análise de narrativas segundo o método documental: exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas. **Civitas**. Porto Alegre, v.14, n.2, p.325-340, maio-ago. 2014.